

# ATÉ QUE PONTO, DE FATO, NOS COMUNICAMOS?

Autor: **Ciro Marcondes Filho**

São Paulo: Paulus, 2004.

Resenhista

**Paulo Moura**

Professor do curso de Comunicação Social do IMES.

Neste livro, o prof. **Ciro Marcondes Filho** apresenta um olhar investigativo sobre os sistemas e procedimentos tidos e havidos como infalíveis ou mesmo inevitáveis em nossa sociedade. Segundo ele, “em verdade, a sociedade da comunicação é uma sociedade em que a comunicação real vai ficando cada vez mais rara, remota, difícil e vive-se na ilusão da comunicação, na encenação de uma comunicação que, de fato, jamais se realiza em sua plenitude”.

Mas o que seria, então, a comunicação? A abordagem se inicia de uma forma muito cativante: centra sua atenção sobre o ser humano, e não sobre os sistemas por ele criados – e assim fala da paixão, essencialmente humana, como uma busca quase desesperada pelo outro, por uma sintonia de corações que possa, em momentos sublimes, prescindir das palavras para dizer as coisas mais importantes. A comunicação, como processo, “é um encontro feliz, o momento mágico entre duas intencionalidades... ela vem da criação de um ambiente comum em que os dois lados participam e extraem de sua participação algo novo, inesperado, que não estava em nenhum deles, e que altera o estatuto anterior de ambos, apesar de as diferenças individuais se manterem”. Longe de idealizar um modelo romanticamente concebido, mas enfatizando a importância da intencionalidade na

aproximação entre as pessoas, para o autor “comunicação tampouco é instrumento, mas, acima de tudo, uma relação entre mim e o outro ou os demais”.

Em seguida, apresenta “um mapa geral das correntes de pensamento”, que se inicia com o surgimento da Filosofia (cerca de 600 a.C.) com os gregos, passa pela escolástica e os pensadores da Era Cristã, chega ao pensamento da era moderna e aborda também as tendências contemporâneas – sempre de forma clara e apresentando comentários que resumem de forma muito eficiente as idéias expostas, além de um quadro geral, demonstrando as influências e desenvolvimentos de cada corrente.

Em uma interessante “breve história da comunicação”, além de recuperar também desde a antiguidade grega as principais idéias que moveram e movem seus autores, propõe uma abordagem crítica a algumas correntes contemporâneas e seus representantes, notadamente os estudiosos da linguagem. “O tema Comunicação foi apropriado pela lingüística, que buscou subordiná-lo à linguagem, quando, em verdade, o que ocorre é o contrário: as línguas são uma forma de comunicação, e a comunicação é que é o conceito mais amplo e genérico, sendo a língua apenas uma de suas manifestações. Por isso, é equivocado dizer-se que *tudo* é

*linguagem* ou que tudo está necessariamente subordinado às formas lingüísticas”. Avança então em direção a questões denominadas “além da linguagem” e “corpo e linguagem”, áreas afeitas à comumente chamada comunicação não-verbal. Sintomaticamente, não se utiliza desta expressão – talvez por seu caráter de oposição que traria, subjacente a ela, a noção de um domínio do verbo em nossa vida.

A parte final do livro nos coloca uma pergunta importante e pertinente: será que, de fato, nos comunicamos? E apresenta algumas teses sobre esta questão, abordando a função da língua estruturada, nossa constituição em sistemas (pessoas ou mesmo sistemas sociais) “fechados”, a importância da interação humana em processos de comunicação extralingüísticos, a busca por formas menos codificadas (e possivelmente mais eficazes) que a linguagem estruturada e, por fim, a existência de labirintos através dos quais poder-se-ia “driblar a proibição de se comunicar imposta pela sociedade da comunicação”.

Enfim, trata-se de um livro instigante, que estimula nossa percepção do mundo e das relações entre as pessoas, mediadas, muitas vezes, por meios tecnológicos que buscam substituir não só nossa presença, mas também a própria essência destas relações, moldando-as e as configurando.